

## Meu primeiro atropelo com Lobo Antunes

LESSA, Carina.<sup>1</sup>

Do que eu gostei mais naquele Jardim Zoológico mesclado de Lobo Antunes foi do rinque de palavras que deslizavam e roçavam-se como aves que são seduzidas a voar e, ao mesmo tempo, a se arrastarem com atrito naquele chão de lembranças horrendas.

E rolavam e atritavam-se como porcos espinhos a brigarem com sua forma natural de ser. Do grotesco ao sublime não se sabe o limite, as palavras se engalfinham levadas por forças opostas que se atraem e se completam. Ainda que não se reconheça o significado exato das formas, o que sei é que nadam num mar repleto de águas-vivas que asfixiam e dilatam a pele ao queimar com doçura.

Amamos ao mesmo tempo que enojamos, não as palavras, é claro, mas o complexo que a beleza densa de vocábulos e fonemas cria. Complexo este que faz com que vivenciemos o rigor dos gestos e atos que formaram a guerra.

Há uma Guerra entre as palavras. Elas lutam entre o belo e o feio, estes já não se sabem mais sozinhos... se abraçam de tal forma a não se distinguirem, e é daí que nasce a obra de arte. Lobo Antunes criou uma atmosfera animosa que, assim como cheira a “espirais moles de cagalhão”, também cheira a pássaros que foram criados ao ar livre.

O belo cheiro nasce das cinzas guerrilheiras que vigoram. E foi através do embate com as cinzas que se deu o meu atropelo com Lobo Antunes, pois nos atropelamos mutuamente. Eu em busca da “agressividade” suave das palavras bem empregadas e dos narradores densos e construtivamente mutilados e, meu caro António, com suas estruturas complexas que estão ao sabor dos que sabem se lambuzar com um modesto prato de comida, ainda que seja ao som de uma bela alcatifa suja de sangue.

Já que falamos em zoológico, sentia-me como uma garça curiosa que olhava do alto para um cisne que com o pescoço constantemente me interrogava, e entre nós um rio que só podia dar no fim do mundo (e digo isso porque sinto que os cus de Judas ficam num lugar mais perto). Os cus de Judas parecem ter fim, chegam em algum lugar. O fim do mundo não, ele não chega nunca, perdura em uma infinidade de letras dos grandes escritores, porque o rio continua a marchar por entre as insuspeitadas armas que habitam o gesto da alma humana.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ.

Eis que desse desafiador atropelo nasceu uma cumplicidade de inverno, ele segredava-me as mais inescrupulosas vivências da guerra e, em mim, se afigurava uma vontade cada vez mais incontrolável de sugar a “embalsamada beleza” da poesia que habitava àquele lugar, que figurava entre o inferno e o paraíso. E foi assim que deslizei vagorosamente pelo rinque de palavras exatas e brancas, que vozeavam como melancolias e desejos que não se calam nunca.